

# Centro de Estudos Bahianos

---

---

FREDERICO EDELWEISS

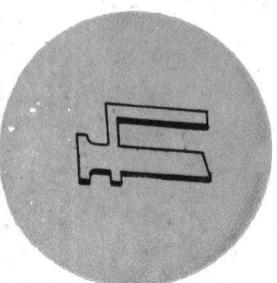
O PRINCIPE DE JOINVILLE  
NO BRASIL

---

---

Publicação

SALVADOR - BAHIA



5 DE JUNHO DE 1951

Toda correspondência deve ser dirigida ao Secretário  
Geral, Afonso Rui, à Praça Almeida Couto n.º 9.



PRINCIPE DE JOINVILLE

(Muséu Condé — Chantilly)

## O PRINCIPE DE JOINVILLE E O BRASIL

Em 14 de Agosto de 1818 nasceu, em Neuilly-do-Sena, o terceiro filho do futuro rei da França Luiz Felipe e a êle foi dado o nome de Francisco Fernando Felipe Luiz Maria de Orleans, príncipe de Joinville.

Por uma série de circunstâncias êsse rebento real viria a ligar o seu nome não só ao Brasil e a família imperial, mas também à Bahia. Como isso aconteceu vamos ver nos pequenos extratos que compilámos, principalmente do seu livro "Vieux Souvenirs."

O príncipe de Joinville escolheu por inclinação própria a carreira naval onde chegou ao posto de Contr'almirante. — Na qualidade de official e comandante de navio de guerra fez viagens frequentes a diversas regiões do mundo. Delas interessam-nos aqui as tres que o trouxeram à America do Sul.

Ao Brasil veio a primeira vez em 1837, à idade rósea de 19 anos, como tenente do "Hércules". Aproveitou a demora do navio no Rio para fazer longa excursão em lombo de mula através dos "esplendores e da monotonia" da mata virgem até Minas Gerais, onde visitou a mina de ouro do Gongo-Soco, já então explorada pelos ingleses sob a direção de mineiros de Cornwallha, tendo 400 escravos a seu serviço. Segundo Joinville a Companhia inglesa auferia ali lucros enormes dos filões de manganez aurífero, de onde o próprio Joinville tirou algumas pepitas da grossura do seu dedo mínimo. Ainda em Minas experimentou o jôgo do lago em sua visita às fazendas de gado, onde pôde admirar a dextreza dos campeiros.

De volta ao Rio de Janeiro deu à família imperial e à sociedade carioca uma recepção a bordo do seu navio, onde soltou espontaneamente, no salão de baile, um leãozinho, que lhe haviam dado no Senegal.

Foi também nesta sua primeira visita ao Brasil que Joinville conheceu a princesa D. Francisca de Bragança, filha de D. Pedro I.º e de D. Leopoldina, com a qual viria a casar seis anos depois.

Em 1840, em Paris, ainda febril de violento ataque de sarampo, Joinville recebe a surpreendente visita formalística de seu pai, acompanhado por de Remusat, ministro do interior. Mais inesperadas ainda foram as ordens que deles recebeu. "Joinville", disse-lhe o pai, o rei Luiz Felipe, "tu partirás à ilha de Santa Helena e dali tratarás o esquife de Napoleão".

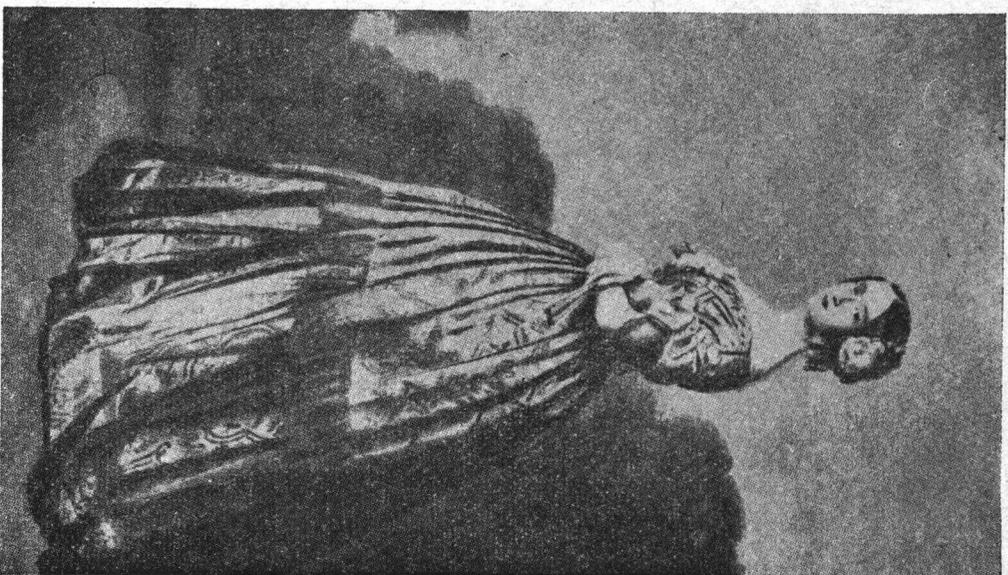
Restabelecido da febre e ultimados os necessários preparativos Joinville retomou, pois, o comando da fragata "Belle-Poule" e de Toulon partiu em demanda de Santa Helena. Tocou em Cádiz. Em Tenerife escalou o Pico, e depois, para ganhar tempo, já que a volta a França estava marcada para Dezembro, decidiu mudar de rota, tocando na Bahia ao invés de visitar a Cidade do Cabo. E por esse encadeamento de circunstâncias que os nossos anais se enriqueceram de mais um episódio pitoresco.

Eis, como Joinville o conta no seu livro citado:

"Havia fretado um naviozinho a vapor em que ia dar cada accompanied de alguns oficiais; verdadeiras viagens de descobrimentos aos rios que desaguam na baía da Bahia" (sic!)

Numa delas havíamos subido longo trecho do rio Cachoeira sem notarmos vestígio de gente. Lançando ferro descemos em terra e passámos o dia a praticar verdadeira obra de destruição nos banhos de tucanos, papagaios multicores, de outras aves e de animais extraordinários, dos quais a mata estava cheia. Ao pôr do sol desemboçamos num caminho trilhado que nos levou a uma grande aberta e depois a uma grande aldeia de cuja existência não havíamos tido o menor indício.

Entrámos. Tudo êrmo; todas as portas fechadas. Fomos ter a uma vasta praça no centro da povoação. Também aí tudo silêncio e solidão. Penetrámos na bonita igreja, cuja porta estava escancarada. Vasia também. Apenas o aroma do incenso de recente cerimônia pairava no ar. No meio da praça erguia-se um quiosque,



D. FRANCISCA DE BRAGANÇA,  
Princesa de Joinville

(Museu de Versailles)

sem dúvida destinado a concertos . All se achavam ainda os instrumentos de uma orquestra, abandonados diante dos púlpitos, em cima das cadeiras, como se o concêrto houvesse sido interrompido pouco antes.

Essa aldeia abandonada repentinamente intrigava-nos não pouco. Mas, na esperança de ressuscitar a sua população, e animados de certa dose de molequice, encostámos as nossas armas de caça e, empunhando os instrumentos abandonados, fizemos a mais inter-nal das músicas. Tudo de balde! Ninguém appareu.

Como o dia declinasse rapidamente, julgámos conveniente voltar a bordo e calmamente retomámos o caminho. A noite havia caído de todo e a lua começava a subir quando íamos chegando a uma enseada, onde se achava a nossa canoa. Nela íamos entrando após tirá-la do lodo, quando uma gritaria repentina se fez ouvir na mata e de toda parte começámos a notar o brilho de armas por entre as moitas enluaradas. Antes que tivéssemos tempo de voltar do nosso espanto, estávamos cercados por um bando numeroso de homens armados, de fuzis, espadas e lanças em meio a uma gritaria ensurdecedora. Em poucos instantes estávamos desarmados, arrastados isoladamente e moidos de pancadas. Aqueles que, nas histórias de viagens, viram a estampa do ataque ao comandante Cook pelos selvagens do Pacifico, terão uma idéa exata da cena. Mas não faltou ao quadro o ambiente pinturesco: o luar prateando a exótica vegetação tropical. Aliás, eram de fato selvagens os que nos atacavam, a maioria negros, os restantes mulatos. Que sorte foram para nós o imprevisito da acometida, as armas sem carga e a dificuldade de movimentos numa canoa entupida! O bando composto de mais de duzentos homens armados ter-nos-ia irremediavelmente chacinado.

Cada qual teve, entretanto, nesse tumulto a sua aventurazinha. Eu, da minha parte, saltei nágua afastando com a minha espingarda as lanças de dois negros malencarados e corri para me agarrar com um homem que usava um chapéu de cidade, lenço à gaucha no pescoço, manejava um sabre e parecia ser o chefe do bando. Em poucas palavras de mau português procurei explicar-lhe que eu era o comandante dos navios de guerra francezes surtos na Bahía e que muito se arrenderia se algo de grave acontecesse a um dos ho-

mens da minha comitiva. Não pude terminar os meus esclarecimentos; um grupo sobrecitado agarrou-me e arrastou-me a um cômodo onde parecia quereem fusilar-me. Efetivamente, cinco ou seis negros postados à minha frente carregavam apressadamente as suas armas. A minha situação não era nada invejável. Quem conhece os negros sabe do que são capazes sob o domínio do paroxismo de excitação com que se contagiam mutuamente quando êbrios ou dominados pela raiva ou pelo medo. Touchard, que dois ou tres homens seguravam, a poucos passos de distância, num esforço desperado conseguiu finalmente desvencilhar-se e veio agarrar-se a mim. Seguiu-se nova luta e com ela a delonga que permitiu ao homem do lenço investir à frente de alguns mulatos mais cordatos. Ele havia compreendido que o incidente poderia ser-lhe desastroso. Fomos tomados e retomados várias vezes até que, finalmente, o homem do lenço conseguiu restabelecer a sua autoridade, dando lugar a entendimentos. Ao que pude compreender, na véspera o lugarço havia assistido a eleições muito agitadas. (Benditas as eleições em todos os lugares e países todos!) — A sua população ainda exaltada, ouvindo o nosso tiroteio, fôra tomada de pânico, que atingiu o seu auge quando cinco ou seis homens de indumentária exótica penetravam na aldeia de armas em punho. Todos haviam fugido para a mata mas ao certificarem-se do numero reduzido dos forasteiros, o medo não tardou a transmutar-se em coragem e, armados às pressas, os homens correram no encalço do inimigo!

Depois de ficar tudo esclarecido fomos postos em liberdade com as devidas desculpas, que não mitigaram, porém, as pancadas recebidas, sobretudo pelo tenente Penhoat mais morto do que vivo.

De volta ao nosso navio encontramos o maquinista inglês completamente embriagado. Ao saber do acontecimento precipitou-se à casa de máquinas e dali voltou com uma pistola enorme, que devia datar do tempo de Cromwell e não foi sem dificuldade que o dissuadimos do desvairado intento de, sozinho, ir vingar-nos dos "damned niggers."

Dois anos mais tarde, depois de levar à derradeira morada o corpo de seu irmão mais velho, o duque de Orleans, morto trágicamente num acidente de carnagem, Joinville partiu, ainda no comando da "Belle-Poule", para novo cruzeiro à America do Sul



FRANCISCO DE SOUZA  
o celebre Xá-Xá

Foto de Pierre Verger

com escalas pelas diversas colônias francesas na África Ocidental. Esta viagem interessa-nos especialmente por dois títulos.

Entrando no Golfo de Guiné, Joinville visitou Uidá, entreposto principal do reino de Daomé com tres estabelecimentos fortificados, onde flutuavam respectivamente as bandeiras do Brasil, da Espanha e da França. Eram velhos empórios de mercadorias de além-mar, que se escambavam em grande escala por negros fornecido pelo rei de Daomé. Mas, por ocasião de sua visita, Joinville já pôde verificar a decadência do tráfico, motivada pelas medidas de repressão por parte do Ingleses. Os escravos sobravam e serviam de holocausto nas cerimônias fetichistas.

Joinville teve aí oportunidade de visitar uma das figuras mais estranhas nos últimos capítulos do tráfico, o nosso conterrâneo Francisco de Souza, o célebre Xa-Xá, mais rei de Uidá do que o próprio rei Daomé de quem era o fornecedor de armas e pólvora para as guerras, e, de cachaga para as bebedeiras da sua côrte.

Xa-xá residia então (estamos em princípios de 1843) havia 43 anos em Uidá. Os seus recursos ainda deviam ser enormes, pois, apesar dos Ingleses lhe haverem até então tomado 34 navios carregados, dois deles pouco antes, Xa-Xá possuia dois mil escravos nos seus barracões. — "O velhinho de rosto expressivo e olhos vivos", como Joinville o descreve, era pai de oitenta filhos vivos, quase todos belos mulatos, educados convenientemente, e, todos trajados de branco, usando chapéu chile. Quanto às filhas, ninguém jamais chegou a contá-las.

Não lhe permitindo o tempo voltar a bordo, Joinville aceitou o convite de Xa-Xá para o jantar, que foi servido em baixela de prata numa sala iluminada por grandes círios de igreja em candélabros de prata. Houve brindes ao rei e à rainha da França, cada qual reforçado por 21 tiros de canhão. Sim, de canhão, porque a feitoria de Xa-Xá, o seu harém, onde, ao que diziam, havia cerca de mil mulheres, era verdadeira praça forte, guarnecida de artilharia e cercada pelas águas de uma laguna. No jantar estavam presentes a maioria dos filhos de Xa-Xá e diversos capitães de navios negreiros, cada qual com o seu extenso repertório de aventuras. Para terminar Xa-Xá deu ao príncipe de Joinville uma caixa de charu-

tos de Havana (1) "como o rei de todas as Espanhas nunca teve a sorte de fumar".

Depois da inspecção na Guiné o itinerário prescrevia uma visita de Joinville à Capital do Brasil, onde, segundo podemos deduzir dos acontecimentos, estava previsto o pedido da mão de D. Francisca Carolina de Bragança, irmã de D. Pedro II. Joinville não o diz nas "Suas Velhas Recordações", mas o encadernamento dos fatos mostra-o claramente e a rapidez do casamento no-lo confirma.

De acôrdo com o Jornal do Comércio, cujas notícias Raffard reproduz em "Pessoas e Cousas do Brasil", (1) Joinville chegou ao Rio de Janeiro a bordo da fragata "Belle-Poule" em 27 de Março de 1843. Em 29, encontrou-se com D. Francisca na Quinta da Boa Vista. No dia 9 de Abril o Jornal do Comércio já registrava boatos do pedido que, oficialmente, teve lugar em 19 de Abril por intermédio do Barão de Langsdorff, enviado especial dos Reis da França (2). Entre este e o plenipotenciário brasileiro, senador e conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcelos foram depois combinados os pormenores, fixando-se o dote em 750 contos.

O casamento realizou-se a 1.º de maio, no Palácio de São Cristóvão e no dia 13 os recém-casados deixaram o Brasil a bordo da "Belle-Poule", com destino a Brest, onde só chegaram a 23 de Julho.

A despeito da sua precária saúde, D. Francisca de Bragança, princesa de Joinville, alcançou a idade de quase 74 anos, morrendo em Paris, de pneumonia, em 28 de Março de 1898, sobrevivendo-lhe o marido dois anos.

---

(1) Raffard traz muitos pormenores do casamento e da vida de D. Francisca.

(2) Prevenimos os menos familiarizados que não confundam o Barão de Langsdorff francês com o célebre viajante alemão barão von Langsdorff, consuli da Rússia, no Rio de Janeiro, onde era proprietário da fazenda Mandioca, que Ruggendas fixou num dos seus quadros.